

REVISTA A PLÁUSO

Guia de teatro

Em cartaz
Jornal do Teatro
Aracy Balabanian
Caco Ciocler
Cláudio Figueira
Fernando Bicudo
John Vaz
José de Abreu
Luis Carlos Tourinho
Maria Padilha



Cacá Carvalho em
**A poltrona
escura**

Pirandello em três tempos

ANO VII Nº 72
EXEMPLAR GRATUITO



Cursos de Teatro e Interpretação para Câmera

Com Supervisão da diretora
CININHA DE PAULA



Tel: 2430-7105

bastidores

Todo artista tem de ir onde o povo está

“ 2006. 60 anos de idade, 40 de teatro e de cinema, 25 de TV Globo. Quero fazer alguma coisa que nunca fiz, um teatro que nunca fiz, um teatro que nega o coletivo da palavra elenco. Um teatro só.

Unipessoal. Solitário. Solidário. Missionário.

Volto pra estrada. Mambembe. Do Chuí ao Oiapoque. Invertido mesmo, o começo no sul, sob as bênçãos de uma estréia no Festival de Teatro de Curitiba, nos dias 25 e 26 de março.

Deus é bom. Os deuses do Teatro são tão bons quanto.

A peça se chama *Fala, Zé*, uma comédia psicopolitocodélica, de Angel Palomero e Walter Daguerre, a partir de depoimentos, improvisações e muita cara-de-pau minha. Direção de Luiz Arthur Nunes.

Do Chuí ao Oiapoque. Sem jogo de palavras. Nem que leve mais 40 anos.

Descarrega, monta, conhece o palco, conhece o prefeito, conhece o quarto do hotel (tem um maior?), desarruma as malas (não tem um chuveiro que saia água?), toma um banho e vai trabalhar, artista brasileiro, vai divulgar a sua obra.

Palestras sobre Teatro e Cultura Brasileira para universitários, aulas para grupos de teatro amadores, bate-papo com secundaristas, centenas de entrevistas em TVs, rádios e jornais locais. Dormindo em pensão, na casa do prefeito, na casa paroquial. Até em seminário. Volto aos anos 60. Venho a 2006.

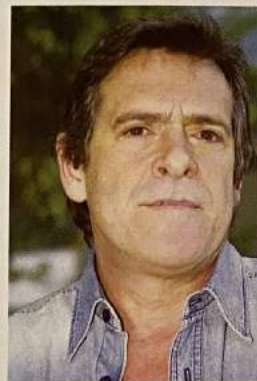
Minha geração está no poder. Meus companheiros de faculdade, de teatro universitário, das “Ôs” – organizações de esquerda armada contra a ditadura – estão no poder.

Crise. Susto. Pasma.

A política sobre a mesa do café da manhã, do almoço, do jantar.

Quero falar sobre isso. Preciso. Vou fazer política. Pensei no palanque.

Fiquei no palco. E vou falar, falar, falar. O que penso, o que vivi, o que sonhei, o que sonharam para mim. ”



José de Abreu, março de 2006

Novos talentos

A *Mostra Estudantil de Teatro* apresenta, entre os dias 16 e 26 de março, oito espetáculos inéditos produzidos por atores recém-formados pela Casa de Artes de Laranjeiras (CAL), Uni-Rio, Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena e Universidade Estácio de Sá, entre outras. Com a curadoria de Hermes Frederico, o evento acontece nos teatros II e III do Centro Cultural Banco do Brasil, de quinta a domingo, às 19 horas.

Justa homenagem

Um dos clássicos de Nelson Rodrigues, a peça *Senhora dos Afogados* vai ser encenada pela Cia. Gruta Teatral, durante os meses de março e abril, no Museu da República. A montagem faz parte do projeto *A República de Clara e Nelson* que, durante todo o ano, fará um tributo à dupla de autores, ocupando o teatro e os jardins do espaço com peças do chamado *anjo pornográfico*, para o público adulto, e infantis, de Maria Clara Machado.

Leituras dramatizadas

Idealizado e dirigido por Lucianno Maza, o projeto *O Drama Tempo - Ciclo de Leituras* dá início a uma nova fase, no Teatro do Jockey, mantendo a proposta de pesquisa, mostra e debate sobre a dramaturgia contemporânea nacional. No mês de março serão feitas leituras dramatizadas de textos de Alcides Nogueira, Roberto Alvim e Walcyrr Carrasco, entre outros. Sempre às quartas-feiras, às 20h, com entrada franca.

Reestréia para a garotada

O musical infantil *À procura de um amigo* volta em cartaz com novo elenco, no teatro Antônio Fagundes, na Barra da Tijuca. Com direção de Marco dos Anjos, a peça traz, com muito humor e leveza, uma mensagem sobre a importância da amizade, do companheirismo e da boa convivência, por meio das aventuras do menino Alvinho. A partir de 11 de março, sempre aos sábados e domingos. Mais informações no site www.aprocuradeumamigo.com.

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplausogbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte); Simone Melamed (textos). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Impressão: Sol Gráfica. Capa: Lenise Pinheiro/divulgação

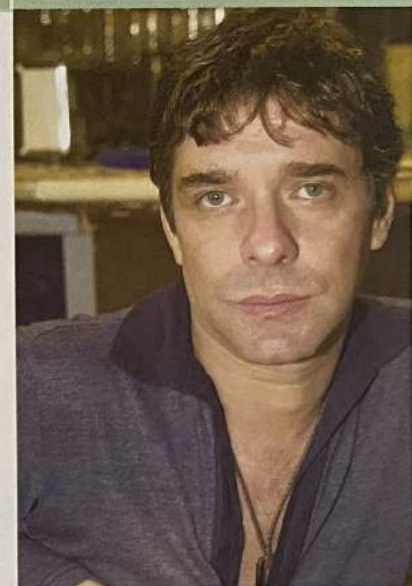
Luis Carlos Tourinho

Vocação para a diversão

Em 1982, a Márcia Cabrita foi se matricular no Tablado e me chamou para acompanhar, porque morávamos em Niterói e a viagem era muito longa. Na hora de ir embora, como eu tinha levado foto e dinheiro para a inscrição, disse que ia me matricular também, e ela falou que eu não dava para aquilo, era muito tímido.

Além de ser conhecido como um curso de teatro, o Tablado é uma terapia também. Lá você aprende a se conhecer e, na época, tinha essa conotação de você acabar se descobrindo. É como se fosse um psicotécnico artístico. A Fernanda Montenegro disse uma vez que, se você quer ser ator, a melhor coisa é desistir porque o meio é muito difícil. Se a vida for impossível sem isto, aí, sim, você continua. O que mais me completa é interpretar. Esta é a minha vocação.

Sou uma pessoa divertida e vejo o mundo com esses olhos. Arandar, da peça *O beijo no asfalto*, de Nelson Rodrigues, foi a minha primeira experiência com o riso. E o humor tem vários leques. Já fiz coisas dramáticas



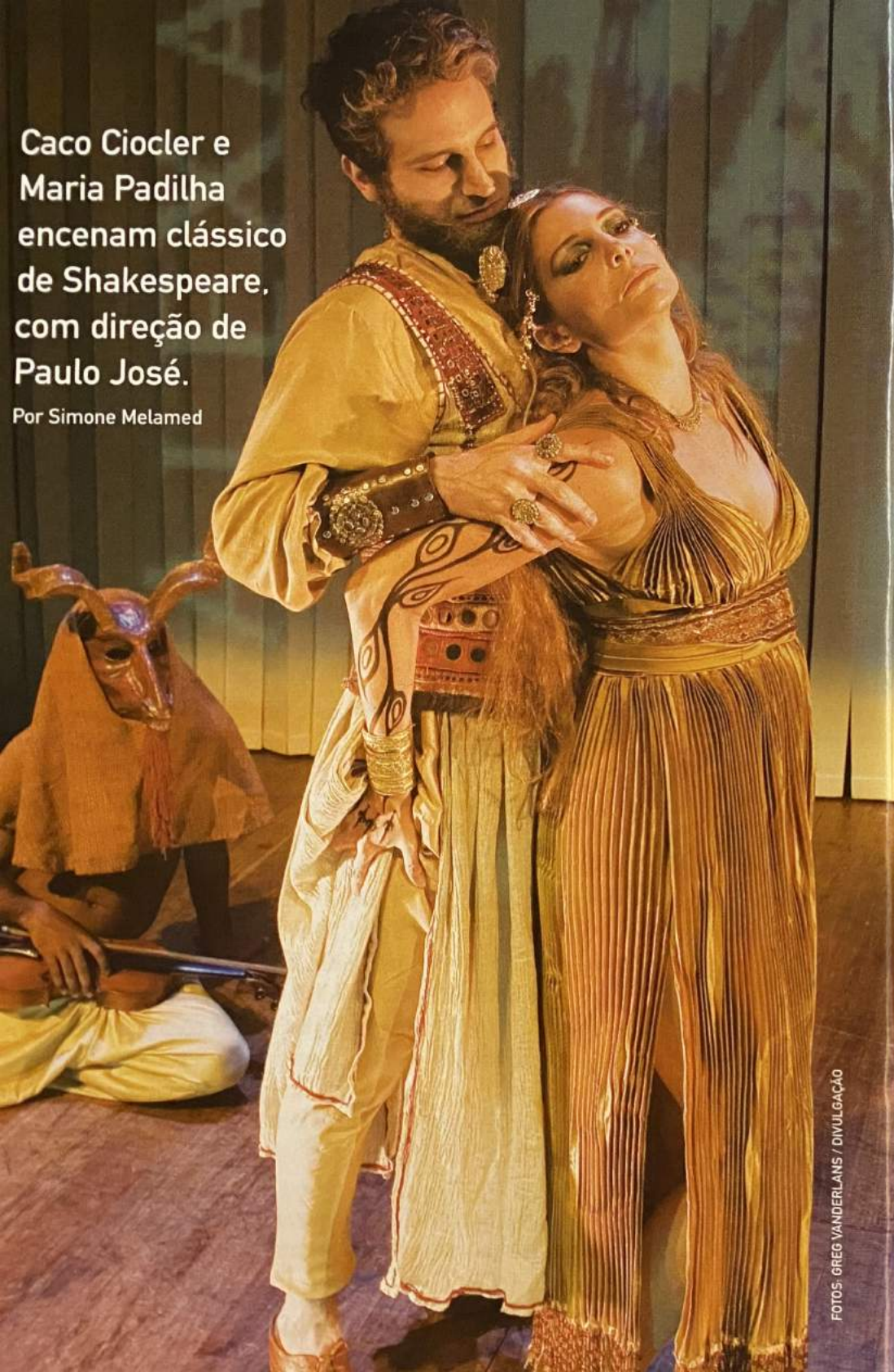
Tourinho é ator, diretor e professor de teatro.

com humor, mesmo o vilão pode ter humor. Como ator, tem muitos personagens que faço inspirados em pessoas que conheci. Uma maneira de olhar, um ritmo de falar, uma postura física. Essas coisas já definem um personagem. Essa observação é fundamental e eu tento passar isto para os meus alunos. Eles são um grande laboratório para mim e as aulas são um laboratório para eles. Todo mundo sai ganhando.

A direção chegou como uma consequência de ser professor, porque a gente tem que realizar alguma prática no final do ano. Sou mais conhecido como um diretor de ator e, às vezes, perco na compreensão geral. Mas gosto de trabalhar em equipe. Não há prazer maior do que trabalhar em conjunto, com cumplicidade."

Caco Ciocler e Maria Padilha encenam clássico de Shakespeare, com direção de Paulo José.

Por Simone Melamed



FOTOS: GREG VANDERLANS / DIVULGAÇÃO

Antonio e Cleópatra

Célebre em todo o mundo, William Shakespeare é sempre reconhecido, mesmo pelos não iniciados em sua obra, como o autor de *Romeu e Julieta*, a trágica história de amor entre dois jovens de famílias rivais. Mas o bardo inglês foi além, e não esqueceu do amor maduro, aquele de gente grande... e poderosa! Em *Antonio e Cleópatra*, que está sendo apresentado pela primeira vez no Brasil, o dramaturgo recria

nos palcos a paixão entre o militar romano Marco Antonio (Caco Ciocler) e Cleópatra (Maria Padilha), rainha do Egito. Em cartaz no Sesc Ginástico.

“Em 1994, quando eu queria montar Shakespeare, li alguns textos que não conhecia, e este me encantou. Não escolho uma peça para montar porque vai ter um grande papel para mim. Sou uma sonhadora que quer falar de assuntos maiores.



Preciso montar algo que tenha sintonia com o Brasil E o Brasil é dado a uma tragico-média! O Shakespeare foi ousado, porque juntou o trágico com humor, o humor com drama”, diz Maria Padilha, produtora e atriz do espetáculo.

Paixão entre déspotas

Escrita em 1607, a peça – que tem a tradução e adaptação de Geraldo Carneiro – conta, em cinco atos, o romance entre os dois governantes, cercado de intrigas políticas por todos os lados. “É uma paixão entre déspotas”, conta a atriz. “Eles só querem ter prazer e amor. O Otávio César (Flavio Bauraqui) é apolíneo, lutando pelo poder contra esses dois dionisiacos”.

“Criamos uma concepção que podemos chamar de épico-dramática. Além dos personagens centrais, um coro conta, de forma narrativa, as cenas de transição”, diz o diretor do espetáculo, Paulo José.

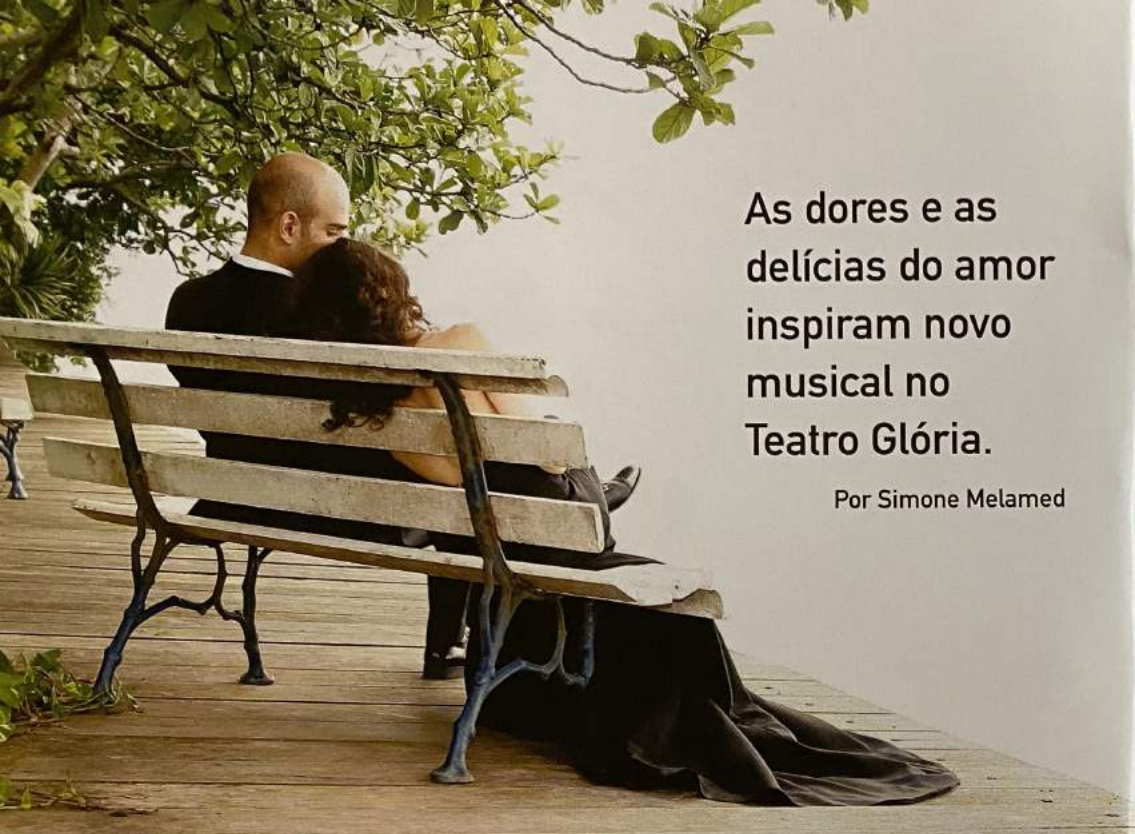
A peça em números

- 3 meses de ensaios
- 64 pessoas na equipe
- 10 atores
- 2 músicos
- 25 personagens
- 400 metros de tecido para figurinos
- 600 mil reais de orçamento
- 30º texto escrito por Shakespeare



Assim era Cleópatra...

- Ela testava a eficiência de seus venenos dando-os aos escravos.
- Exigia vinte damas de companhia na preparação de seus banhos.
- Ficava até seis horas mergulhada em águas com plantas aromáticas
- Em nome da beleza, cobria as faces com argila e maquilava os olhos com pó de khol
- Certa noite, disse a Marco Antônio que daria o jantar mais caro da história: esmagou uma grande pérola de um par de brincos, dissolveu num jarro de vinho e tomou.



As dores e as delícias do amor inspiram novo musical no Teatro Glória.

Por Simone Melamed

Simplesmente amor

Depois de apostar no universo para lá de romântico de Frank Sinatra, com o espetáculo *Sinatra, olhos azuis*, o dramaturgo e diretor Cláudio Figueira continua ligado no *dial* que embala os amantes, mas desta vez mais sintonizado com a nossa música popular brasileira. É ela que serve de fio condutor para o musical *Simplesmente amor*, com estréia marcada para o dia 10 de março no Teatro Glória.

“Sou extremamente romântico e daí veio a vontade de fazer um espetáculo para falar do amor e de temas relacionados a ele. A

gente começa a peça com a descrição do que é o amor, pelo dicionário, e vai fazendo esquetes que falam de amor, intermediados por pérolas da MPB eternizadas nas vozes de Roberto Carlos, Dolores Duran e Angela Maria, entre outros. Nós temos números contados, cantados e dançados, sempre brincando com o tema”, conta Figueira, que é acompanhado no projeto pelos cantores Simone Centurione e João Calaça, pelos músicos Ana Azevedo, Marcos Amma e Lipe Portinho e por um casal de bailarinos.

Eterno recomeçar

Da paquera à primeira briga e reconciliação, passando pela angústia da espera de uma ligação e pelo amor não correspondido, o espetáculo passa por todas as etapas de um relacionamento, buscando uma identificação imediata com a platéia. “Amor todo mundo sabe o que é, mas se relacionar é complicado. O amor é um eterno recomeçar, tanto numa relação duradoura quanto para quem acaba um relacionamento e tem de iniciar tudo de novo. Mas as pessoas estão sempre buscando encontrar o seu amor”, diz o autor, brincando que vai preparar um “kit desespero”, para o público, com direito a lexotan e uma cordinha para os momentos mais sensíveis, como as histórias de amor sem final feliz.

FOTOS: GUGA MELGAR / DIVULGAÇÃO

“A gente usa o humor para dar uma aliviada e não ficar pesado. Acho que a dor e o sofrimento acabam inspirando muito mais os nossos compositores do que a alegria. Nós partimos de 300 músicas e chegamos a vinte, com gêneros diferentes, como a bossa nova, o samba-canção, o bolero.... Mas o espetáculo é leve. É para chegar e delirar. Hoje é tudo *heavy*. Muito sexo, drogas e rock’n roll. As pessoas não sabem mais o que é ir de mãos dadas ao cinema. Está tudo muito deturpado, e as coisas começam ao contrário. Não estou querendo dar uma lição de moral, mas vou achar legal se, ao falar da essência do amor no musical, as pessoas resolverem parar e pensar sobre isto”, afirma.

Na trilha...

- ... Eu sei que vou te amar, de Tom Jobim
- ... Carinhoso, de Pixinguinha
- ... O mundo é um moinho, de Cartola
- ... Castigo, de Dolores Duran
- ... Outra vez, de Roberto Carlos e Erasmo Carlos
- ... Você e eu, de Vinícius de Moraes e Carlos Lira
- ... Amor até o fim, de Gilberto Gil



Ai, que saudades do Lago!

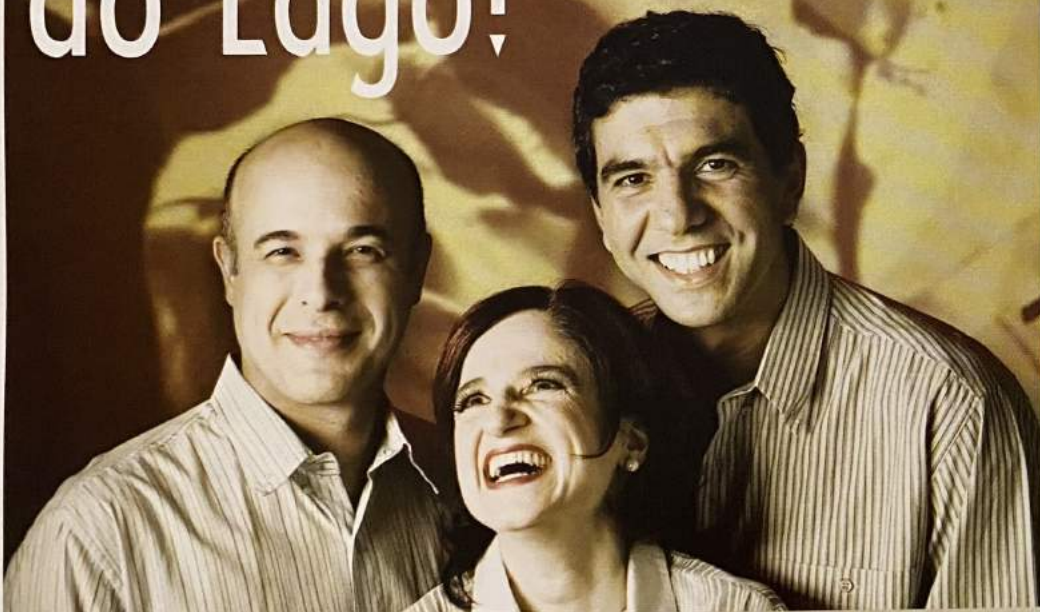


FOTO: DIVULGAÇÃO

Depois do sucesso do musical Antônio Maria – A Noite é uma Criança, o autor Marcos França mergulha na obra de Mario Lago.

Por Simone Melamed

Se você levar a vida muito a sério, ela vai ficar até chocada. Eu estou diariamente levando a vida na flauta, para ela sentir que não me amedronta". Se existe alguma fórmula para o bem-viver, esta

era a receita de Mario Lago, artista múltiplo que viveu intensamente e, se por aqui ainda estivesse, completaria 95 anos. E é justamente para homenagear sua criativa e multifacetada existência que estréia, no dia

17 de março, no Centro Cultural dos Correios, o musical *Ai, que saudades do Lago!* – um olhar sobre a obra de Mario Lago.

"A impressão que a gente tem é que as pessoas conhecem mais o trabalho dele como ator. Então nós optamos por contar histórias que a maioria não conhece. Ele era um ativista político ferrenho – um marxista autônomo. Também foi radialista e boêmio. Era um artista completo, que facilmente transitava pela televisão, pelo rádio, poesia, literatura e música. Toda a obra dele tem um porquê de ter existido, e as idéias em que ele acreditava transpareciam em tudo que fazia. Foi um homem que passou por todo o século vinte, viu todas as transformações acontecendo e acompanhou cada uma delas", comenta o autor do espetáculo, Marcos França.

Programa de rádio

A admiração de França pelo artista surgiu há doze anos, quando ele foi convocado a ler alguns poemas de Lago, num dos diversos tributos que o compositor recebeu em vida. "Naquela ocasião, eu achava que o Mário Lago não estaria presente e fiquei muito nervoso ao vê-lo. Depois conversamos sobre o Rio antigo e a boemia, e veio a vontade de fazer um trabalho sobre ele. Desde aquela época comecei a pensar nesse projeto. Mas foi só quando reencontrei

com o filho dele – no ano passado, numa apresentação de Antônio Maria – *A noite é uma criança* –, e ele lembrou que em 2006 o pai faria 95 anos, que comecei a escrever o texto", relembra França, que também atua no musical.

Tendo o estúdio de uma típica rádio das décadas de 40 e 50 como cenário principal, o espetáculo revive a época, a carreira e o modo de vida de Mario Lago como se fossem contados em um grande programa de rádio. As diversas facetas do artista são mostradas em diferentes blocos, por onde passam o lado boêmio, o de ativista político, o compositor, o ator, o radialista e o poeta. Tudo isto entremeado por 18 canções compostas por Lago – como *Ai Que Saudade da Amélia* e *Atire a Primeira Pedra* –, além de uma música inédita, *Presença*, que ele fez para a esposa Zeli.

Ai, que saudades da Amélia (Mário Lago e Ataulfo Alves)

Nunca vi fazer tanta exigência
Nem fazer o que você me faz
Você não sabe o que é consciência
Nem vê que eu sou um pobre rapaz
Você só pensa em luxo e riqueza
Tudo o que você vê, você quer
Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
Aquilo sim é que era mulher
Às vezes passava fome ao meu lado
E achava bonito não ter o que comer
Quando me via contrariado
Dizia: "Meu filho, o que se há de fazer!"
Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia é que era mulher de verdade

A poltrona escura

Com temporadas de sucesso pelo Brasil e exterior, monólogo de Pirandello, interpretado por Cacá Carvalho, chega ao Rio de Janeiro.

Por Simone Melamed



A tor bissexto nos palcos cariocas – mas com uma intensa produção teatral, que inclui cursos e montagens na Itália – Cacá Carvalho é mais facilmente identificado pelo personagem que interpreta atualmente na novela *Belíssima*, da Rede Globo. Porém, um abismo enorme separa o mundo de Jamanta do universo criado pelo dramaturgo Luigi Pirandello, autor dos três textos reunidos na peça *A poltrona escura*, que Cacá apresenta no Teatro Poeira.

“Os personagens de Pirandello têm um tipo de sabedoria e ignorância do mundo muito diferentes do personagem do Sílvio de Abreu. Eles beiram o cosmos, enquanto o Jamanta é de um universo cotidiano, muito mais um tipo do que um personagem. Ele não é ligado a nenhum conflito de natureza moral, ética e existencial. Não tem passado, nem futuro”, explica o ator, que ganhou por sua atuação na peça o prêmio Shell 2004 e também o da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA).

Gênero noir

A relação mais estreita entre Cacá e a obra do vencedor do Prêmio Nobel de literatura, em 1934, começou quando ele encenou a peça *O homem com a flor na boca*, em Roma, em 2002. “Quando fiz a temporada italiana, estava na plateia um homem, Alessandro D’Amico, que é casado com a neta do Pirandello e responsável pela curadoria das traduções da obra dele por todo o mundo. Depois do espetáculo houve um debate e ele me disse para voltar os olhos para a origem do Pirandello, que são os contos. Ele tinha um projeto de escrever 365 novelas, para o leitor ler um texto por dia, mas acabou escrevendo

246, reunidas no livro *Novelas para um ano*. Essas novelas são estudadas e catalogadas por gêneros, e acabamos escolhendo o gênero *noir*, que são novelas escuras, com um humor agudo e contundente. Parece denso, mas é divertido. É um espelho às avessas, levando à reflexão ao fazer uma radiografia da essência do ser humano”, destaca Cacá, sempre citando a importância da parceria, de longa data, com o diretor do espetáculo, Roberto Bacci.

Três contos

Pescados dos livros *Berecche e la Guerra* e *Candelora*, os contos escolhidos foram *Os pés na grama*, *O carrinho de mão* e *O sopro*. O primeiro mostra a solidão de um viúvo e o isolamento a que são confinados os que vivem a última fase da vida. No segundo, um advogado traz à tona a miséria da condição humana, ao revelar um prazer inconfessável. Por último, um homem descobre um poder misterioso, que pode acabar destruindo a si mesmo: o dom de matar apenas soprando os dedos.

“Existem alguns autores na vida das pessoas que são recorrentes, que retratam algo que existe em você do mundo, e você não os abandona. Pirandello, especificamente, retrata o homem contemporâneo de um modo poético, cômico e amplificando a essência do ser humano de uma forma grotesca e divertida”, diz o ator. “Ele estimula a imaginação criativa do leitor com uma qualidade rara, e naquele espaço físico, entre o livro e a pessoa que lê, acontece o mundo. Eu espero fazer com que isto aconteça, também, na relação com a platéia”.



Bastidores italianos

Depois da estréia, em 2003, em São Paulo, “A poltrona escura” rodou por capitais brasileiras e também foi montada na Itália. Uma das noites mais inesquecíveis aconteceu na casa do próprio Pirandello, em Roma, onde funciona atualmente o Istituto di Studi Pirandelliani. Depois de uma apresentação especial para a neta do dramaturgo e um seleto grupo de amigos, Cacá ouviu a seguinte confissão: “Preciso reler toda a obra de Pirandello. Assistindo ao seu trabalho, percebi que li tudo errado”.





Mostra de teatro candango

Três peças aportam no Espaço SESC diretamente de

Brasília. De 3 a 19 de março.

Nos tempos da construção da atual capital brasileira, os operários que chegavam à Brasília dos quatro cantos do país costumavam ser chamados de candangos. De lá para cá, os habitantes da cidade adotaram o apelido, que acabou virando uma espécie de sinônimo de brasiliense. Pois é do Distrito Federal que chega a *Mostra de Teatro Candango*, trazendo para o Rio algumas das principais montagens realizadas em sua cena teatral contemporânea.

“Queríamos ter trazido mais peças, já que vários grupos enviaram materiais, mas foi impossível. De qualquer forma, as que trouxemos são uma boa representação do que se está fazendo de teatro em Brasília”, avalia Claudia Charmillot, idealizadora e produtora geral do evento, há dois anos morando no Rio.

Das peças que compõem o panorama, duas saíram com estatuetas do *II Prêmio Sesc de Teatro Candango*, realizado no ano passado. *Adubo – Ou a sutil arte de escoar pelo ralo* –, uma criação coletiva de atores recém-saídos da Faculdade de Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB), e *O rinoceronte*, livre adaptação da obra de Eugène Ionesco. *Dinossauros*, do argentino Santiago Serrano, fecha o circuito, depois de ter sido indicado como um dos cinco melhores espetáculos encenados em Brasília em 2005.

“O Brasil recebe constantemente o que o Rio exporta. Acho bacana o Rio conhecer um pouco o que vem de fora”, diz Guilherme Reis, diretor de *Dinossauros* e responsável, nos últimos seis anos, pela produção do festival internacional de teatro *Cena Contemporânea*.

Adubo – ou a sutil arte de escoar pelo ralo

Com direção do teatrólogo uruguaio Hugo Rodas, a peça foi criada pelos quatro intérpretes – André Araújo, Juliano Cazarré, Pedro Martins e Rosanna Viegas. O tema central é a morte e as formas como a sociedade lida com ela, tratadas de uma maneira delicada, misturando o trágico com o lírico.

O rinoceronte

Inspirada num clássico de um dos criadores do “Teatro do Absurdo”, o romeno Eugène Ionesco, a peça faz uma sátira social ao contar a chegada de um insólito visitante numa pacata cidade: um rinoceronte, que acaba ameaçando a paz do lugarejo.

Dinossauros

O espetáculo celebra os 25 anos de carreira dos atores Carmen Moretzsohn e Murilo Grossi. Montado nos Estados Unidos, o roteiro foi encontrado num banco de textos da Internet. A peça reflete sobre a solidão, ao mostrar o encontro de dois desconhecidos durante uma madrugada.



A MORATÓRIA

A derrocada de uma família após perder uma fazenda de café e as esperanças na moratória. Texto: Jorge de Andrade. Direção: Daniel Dias da Silva. Supervisão Cênica: Gracindo Junior. Com Suely Franco e Gabriel Gracindo. **Centro Cultural Justiça Federal** (Av. Rio Branco 241, Centro). Fone: 3212-2565. Quinta a domingo, 20h. Quinta e domingo, R\$ 20. Sexta e sábado, R\$ 25.

A POLTRONA ESCURA

Três contos de Pirandello são reunidos em cena, trazendo o olhar cruel e divertido do dramaturgo sobre a condição humana. Texto: Luigi Pirandello. Direção: Roberto Bacci. Com Cacá Carvalho. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 19h. R\$ 40. Estudantes e idosos têm 50% de desconto.

A PRIMEIRA VEZ QUE EU DISSE EU TE AMO

Comédia musical com pensamentos, poesias e canções inspiradas em experiências vividas pelos atores. Texto e direção: Pitty Webó. Com Nildo Parente, Pitty Webó, Maria Regina e Alex Nader. **Teatro Café Pequeno** (Avenida Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 20. Estudantes e idosos, R\$ 10. A partir de 17/03.

A VIDA PRIVADA É UMA COMÉDIA

Crônicas do livro *Comédias da Vida*

Privada, de Luis Fernando Veríssimo, recriadas para o teatro. Texto: Luis Fernando Veríssimo. Adaptação e direção: Cyrano Rosalém. Com Elizângela, Silvia Massari, Élcio Romar e Rogério Fabiano. **Teatro dos Grandes Atores – Sala Azul** (Avenida das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta, R\$ 30. Sexta e domingo, R\$ 35. Sábado, R\$ 40.

AS PRECIOSAS RIDÍCULAS

O embate entre pseudo-intelectuais que se engalfinham com dois espertos criados, que trocaram de papel com seus patrões. Texto: Molière. Adaptação: João Bethencourt. Direção: Cláudio Torres Gonzaga. Com Helena Ranaldi e Marcos Oliveira. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha 1, Centro). Fone: 2563-4163. Quinta e sexta, 18h30. Sábado, 19h. Domingo, 18h. R\$ 30.

AI, QUE SAUDADES DO LAGO!

O musical revive a época, o modo de vida e as inúmeras faces do artista Mario Lago, no ano em que ele estaria completando 95 anos. Texto: Marcos França. Direção: Joana Lebreiro. Com Claudia Ventura, Marcos França e Alexandre Dantas. **Teatro do Espaço Cultural dos Correios** (Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro). Fone: 2503-8222. Quinta a domingo, 19h. R\$ 15. A partir de 17/03.

ANTÔNIO E CLEÓPATRA

A montagem, inédita no Brasil, chega

em clima de superprodução. Texto: William Shakespeare. Direção: Paulo José. Com Maria Padilha, Caco Ciocler e Flávio Bauraquí. **Teatro SESC Ginástico** (Rua Graça Aranha 187, Centro). Fone: 2279-4025. Quinta a domingo, 19h30. R\$25

CADA UM COM SEUS POBREMA

Comédia-solo em que o ator e autor Marcelo Médici interpreta nove personagens politicamente incorretos. Texto: Marcelo Médici. Direção: Ricardo Rathsam. Com Marcelo Médici. Local: **Teatro Leblon – sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Sexta e sábado, 23h. Domingo, 22h. Sexta, R\$ 35. Sábado e domingo, R\$ 40.

CAETANA

A peça resgata e renova elementos das tradições populares. Uma rezadeira se vê diante da morte e reencontra, no Reino do Invisível, almas encomendadas por ela. Texto: Weydson Barros Leal e Moncho Rodriguez. Direção: Moncho Rodriguez. Com Livia Falcão e Fabiana Pirro. **Teatro do Jockey** (Rua Mário Riberio, 410, Gávea). Fone: 2540-9853. Sexta, sábado e domingo, 21h. R\$ 25.

CAMILA BAKER – A SAGA CONTINUA

A peça conta, com muito humor, a vida da fictícia Camila Baker. Depois de conhecer o sucesso, ela chega ao fundo do poço, acusada de assassinar

o próprio marido. Texto: Emílio Boechat. Direção: Fernando Guerreiro. Com Daniel Boaventura, Zeu Britto, Leonardo Brício, Marcos Mion e Otávio Muller. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º. Andar, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta, R\$ 40. Sexta e domingo, R\$ 45. Sábado, R\$ 50.

CHE GUEVARA

As últimas dezoito horas de vida do revolucionário cubano. Texto: John Vaz e Luiz Lula Dias. Direção: John Vaz. Com John Vaz e Fernando Bicudo. **Fundição Progresso – Barraco das Artes** (Rua dos Arcos s/no., Lapa). Fone: 2220-7074. Sexta a domingo, 19h30. R\$ 20. A partir de 12/03.

COMENDO ENTRE AS REFEIÇÕES

O espetáculo acompanha a turbulenta relação entre uma escritora famosa e sua talentosa discípula. Texto: Donald Margulies. Direção: Walter Lima Jr. Com Aracy Balabanian e Virginia Cavendish. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º. Andar, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Terça e quarta, 21h. R\$ 35.

FAMA ZERO

A crítica pela busca incessante da fama e a valorização das “celebridades de massa”. Texto: Maria Valentim, Raul Franco e Sylvia Orenstein. Direção: Wendell Bendelack e Raul Franco.

Com Aline Borges e Fabio Florentino. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30. Estudantes e idosos têm 50% de desconto.

HOMENS

As singularidades de cada sexo e a interação entre eles. Texto: Cláudio Althieri. Direção: Marco Marcondes. Com Igor Lage e Kim Archetti. **Centro Cultural Suassuna** (Av. das Américas, 2603, Barra). Fone: 2439-8002. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$ 20.

MARÍLIA PÊRA CANTA CARMEN MIRANDA

Catorze músicos e seis bailarinos dividem o palco com Marília Pêra, que interpreta 42 sucessos da Pequena Notável. Direção: Maurício Sherman. Com Marília Pêra e Ricca Barros. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes s/no., Centro). Fone: 2221-1223. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 19h. Sexta, R\$ 50. Sábado e domingo, R\$ 60.

MOSTRA DE TEATRO CANDANGO

Dinossauros, texto: Santiago Serra-no. Direção: Guilherme Reis. Com Carmen Moretzsohn e Murilo Grossi. Dias 3 e 4 /03, às 21h30, e 5/03, às 20h. **Adubo ou A sutil arte de escorar pelo ralo**, direção: Hugo Rodas e Márcia Duarte. Texto e interpretação: André Araújo, Juliano Cazarré. Dias

8, 9 e 12/03, 20h, e 10 e 11/03, 21h30). **O Rinoceronte**, direção: Hugo Rodas. Com Alexandre Cerqueira. Dias 15, 16 e 19/03, 20h. E 17 e 18, 21h30. **Espaço SESC** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2548-1022. R\$ 12

MOSTRA ESTUDANTIL DE TEATRO

Oito espetáculos inéditos, com produções teatrais de diversas escolas de atores do Rio. Curadoria: Hermes Frederico. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro II e III** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quinta a domingo, 19h. De 16 a 26/03.

NÃO SOU FELIZ, MAS TENHO MARIDO

As amarguras conjugais de uma mulher contemporânea narradas com muito humor. Texto: Viviana Gómez Thorpe. Adaptação: Maria da Luz, Zezé Polessa. Direção: Victor Garcia Peralta. Com Zezé Polessa. **Centro Cultural Telemar** (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Fone: 3131-1227. Sexta a domingo, 19h30. R\$ 10.

NÓS NA FITA

Esquetes em cima de pequenas situações cotidianas. Texto: Marcius Melhem. Direção: Alexandre Régis. Com Marcius Melhem e Leandro Hassum. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a domingo, 20h. R\$ 35.

O CHEIRO DA FEIJOADA

Monólogo musical reconta a história da feijoada desde os tempos da escravidão, a partir das memórias de uma velha lavadeira. Texto: Thomas Bakk. Com Iléa Ferraz. **Caixa Cultural** (Av. Chile, 230, Centro). Fone: 2262-5483. Quarta, 19h (8 e 15 de março). Entrada Franca. Senhas no dia, a partir das 18h.

O DOENTE IMAGINÁRIO

Clássico de Molière que discute o poder da medicina, com seus valores e mazelas, a partir da história de um burguês avarento que sofre de hipochondria. Texto: Molière. Direção: Jacqueline Laurence. Com Tonico Pereira, Gláucia Rodrigues. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha 1, Centro). Fone: 2563 4163. Quinta e sexta, 20h. Sábado, 20h30. Domingo, 19h30. R\$ 30.

O INSPETOR QUE ENGANOU GERAL

Comédia inspirada no clássico de Nicolai Gógol, *O Inspetor Geral*. Texto e direção: Bruno Rodrigues. Com a Cia Sopro do Ator. **Teatro Glaucê Rocha** (Av. Rio Branco, 179, Centro). Fone: 2220-0259. Quarta e quinta, 19h. R\$ 10. Estudantes e idosos têm 50% de desconto. Até 23 de Março.

OS HOMENS SÃO DE MARTE ... E É PRA LÁ QUE EU VOU

Jornalista solteira relata seus conflitos e dilemas na busca de um grande amor. Texto e atuação: Mônica Mar-

telli. Direção: Victor Garcia Peralta. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 3º piso, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta, R\$ 35. Sexta e domingo, R\$ 40. Sábado, R\$ 45.

OS PÂDEGOS

Série de esquetes sobre o lado mais insano dos personagens. Texto e atuação: Dig Dutra e Wagner Trindade. Direção: Daniel Dias da Silva. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Terça e quarta, 21h. R\$ 20. Estudantes e idosos têm 50% de desconto.

OPEN HOUSE

De frente para a platéia, dez atores/personagens dão seus depoimentos que vão do mais íntimo ao inconfessável, tratando de temas como abandono e solidão. Texto: Daniel Veronese. Direção: Antonio Guedes. Com Eduarda Studart, Jaqueline Sperandio e Luciano Pullig. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, sobrado, Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 20.

RÁDIO NACIONAL - AS ONDAS QUE CONQUISTARAM O BRASIL

Com a supervisão de Bibi Ferreira, musical faz uma justa homenagem à época de ouro da Rádio Nacional. Texto: Fátima Valença. Direção: Fábio



Pillar. Com Cláudia Vigonne, Fábio Pillar, Sylvia Bandeira. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2215-1708. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. Quinta e sexta, R\$ 35. Sábado, R\$ 45. Domingo, R\$ 40._

SENHORA DOS AFOGADOS

A peça conta a história de uma família traumatizada pela morte das filhas e pelo incesto. Texto: Nelson Rodrigues. Direção: Marco Accioli. Com Renata Vianna e Lusinete Lima. **Teatro Museu da República** (Rua do Catete, 153, Catete). Fone: 2558-6350. Sábado e domingo, 20h. R\$ 14

SETE CONTO

De forma crítica e bem-humorada, Luís Miranda aponta as diferenças do País por meio de sete personagens. Texto e atuação: Luís Miranda. Direção: Ingrid Guimarães. **Teatro Leblon – sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Sexta e sábado, 22h30. Domingo, 20h30. Sexta, R\$ 35. Sábado e domingo, R\$ 40. A partir de 10/03.

SIMPLESMENTE AMOR

Musical percorre as diferentes etapas de uma relação amorosa, regado com canções românticas da MPB. Com Simone Centurione e João Calaça. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555- 7262. Quinta,

18h. Sexta a domingo, 20h. R\$ 25. A partir de 10/03.

SURTO

Esquetes cômicos que retratam a loucura do cotidiano. Texto e atuação: André Moraes, Flávia Guedes, Rodrigo Fagundes, Thaís Lopes e Wendell Bendelack. Direção: Cláudio Handrey. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta a domingo, 21h30. Quinta e sexta, R\$ 35. Sábado e domingo, R\$ 40.

TERAPIA DO RISO

O trio de atores entra em cena trazendo em malas vários personagens, que vão vestindo, ao longo da peça, em transformações à vista do público. Texto e atuação: Carlos Alexandre, Hellen Suque e Israel Linhares. Direção: Anja Bittencourt. **Centro Cultural Suassuna** (Av. das Américas, 2603, Barra). Fone: 2439-8002. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 20.

UM CAMINHO PARA DOIS

Casal vive altos e baixos durante 25 anos de casamento. Texto e direção: Flavio Marinho. Com Luciana Braga e Osmar Prado. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta e sexta, R\$ 35. Sábado e domingo, R\$ 40.



FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

Cada um com seus problema

“Uma peça imperdível. Me surpreendi com o Marcelo Medici, um ator que eu não conhecia. Um talento no palco!”

Murilo Benício, ator

Camila Baker – a saga continua

“Eu me diverti muito! A peça é um exercício de atuação magnífico. O grande barato é que o espetáculo é feito com um descompromisso levado a sério. E os atores vão até às últimas consequências. Um divertimento delicioso.”

Ana Lúcia Torre, atriz



Não sou feliz, mas tenho marido

“Aí está uma peça que eu indico! a peça *Não sou feliz, mas tenho marido*. Primeiro porque é um trabalho excepcional, com uma atriz brilhante, um texto maravilhoso e uma direção bárbara. Depois, porque adoramos rir de nós mesmos.”

Pepita Rodrigues, atriz

Sete conto

“O trabalho do Luís Miranda é maravilhoso. Ele trouxe para este espetáculo personagens da *Terça Insana*, e está muito bem dirigido pela Ingrid Guimarães. Para mim, o destaque é a socialite bêbada que ele interpreta, que é excepcional”.

Maria Clara Gueiros, atriz



Comendo entre as refeições

Encenada em países com cultura e histórias tão diferentes quanto Estados Unidos, Japão e Israel, a peça discute temas universais. Como a ética.

Ela passou alguns anos longe dos palcos, atendendo a inúmeros e seguidos chamados da televisão. Ele, que sempre se dedicou ao cinema, não dava muita atenção para o apelo das coxias. Agora, Aracy Balabanian e o diretor Walter

Lima Jr. acertam os ponteiros, chamados pela produtora e atriz Virgínia Cavendish, para embarcar no drama psicológico *Comendo entre as refeições*, em cartaz no horário alternativo do Teatro das Artes. A peça é assinada pelo dramaturgo norte-

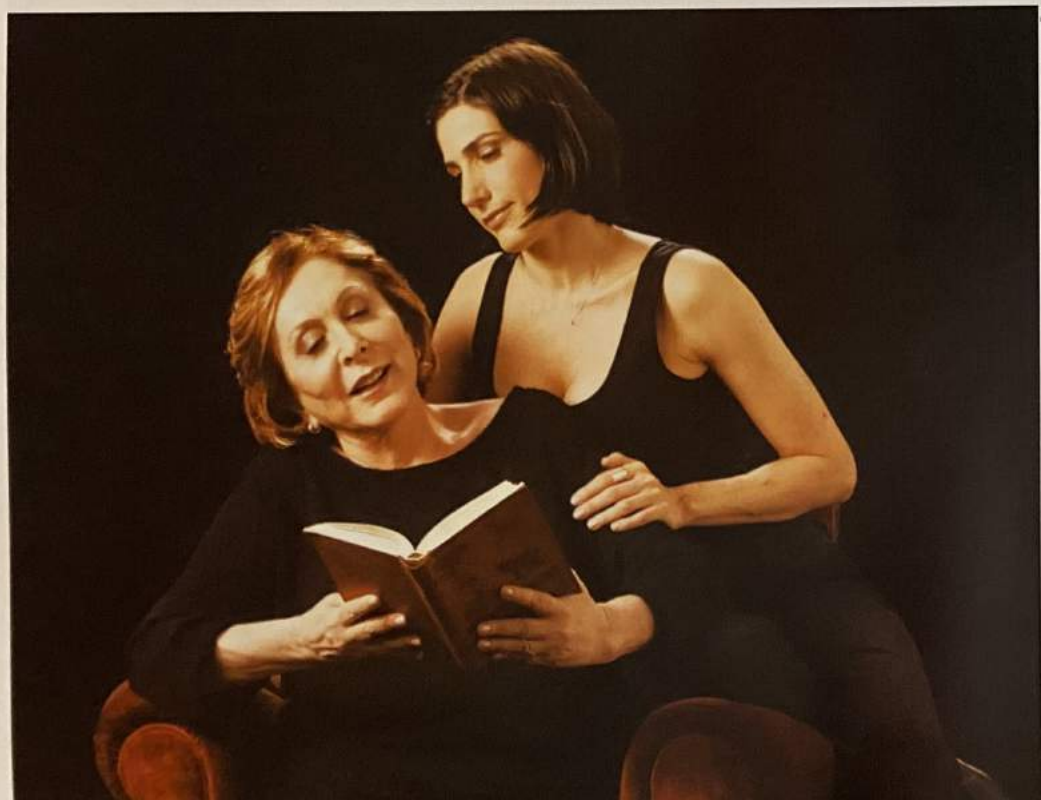


FOTO: JOÃO BONELLI / DIVULGAÇÃO

americano Donald Margulies, ganhador do Prêmio Pulitzer por *Jantar Entre Amigos*, já encenada no Brasil.

‘Depois que o teatro entra na veia, não sai nunca. A picada é forte. Meu último trabalho foi com a peça *Clarice – Coração Selvagem*, com a qual viajei pelo Brasil todo, até 2000. E durante seis anos, desde 1996, fiz o *Sai de baixo*, que nós fazíamos como teatro. Para nós, atores, era palco, tinha platéia, a emoção de abrir as cortinas... Assim, fui me satisfazendo com a ausência do teatro, porque não fiquei tão longe assim. O teatro é o nosso berço. Se você desrespeita o palco, os deuses castigam. É um ritual muito especial e mágico”, diz Aracy, encantada com o convite para participar desta montagem.

A aluna e a mestra

Em cena, o foco das atenções é voltado para o relacionamento entre Ruth Steiner, uma consagrada escritora que orienta jovens aspirantes ao mundo das letras, e sua aluna Lisa Morrison, uma espécie de aprendiz que absorve tudo o que a mestra diz. Tudo e mais um pouco, já que o conflito se estabelece quando, a partir da intimidade que nasce entre as duas, confidências da veterana acabam se transformando em material para o primeiro romance da estagiária. Sem a devida autorização, claro!

“Vivi num mundo rico culturalmente, com relações entre as pessoas, amizade e companheirismo. Hoje o mundo está oco e o indivíduo é uma marca, ele se basta por si só. Hoje, se você não lutar com unhas e dentes, as pessoas invadem mesmo e se sentem no direito de invadir. Eu queria

discutir isto”, conta Aracy. “É um exercício teatral maravilhoso, porque são duas personagens muito boas. E o texto do Margulies não tem aquela coisa maniqueísta do bem contra o mal. Cada uma tem a sua verdade e cabe ao público a discussão de quem tem razão”, explica Virgínia. “Desde os gregos, o teatro tinha a finalidade de provocar catarse, fazer com que as pessoas se identificassem com a história e botassem sentimentos para fora. É isto que a gente quer com a arte de representar: que as pessoas saiam da peça refletindo sobre o que ouviram”, diz Aracy.

Da tela ao palco

Com uma sólida carreira no cinema, construída ao longo de 40 anos, Walter Lima Jr. já dirigiu uma dezena de filmes, como *“A Ostra e o Vento”*, *“Inocência”* e o ainda inédito *“Os desafinados”*. Depois de debutar nos palcos, em 2003, com a comédia romântica *“Dois na Gangorra”* (de William Gibson, com Murilo Benício e Giovanna Antonelli), o cineasta investe, pela segunda vez, numa experiência teatral. “Eu não o conhecia pessoalmente. Na primeira vez em que nos encontramos, ele estava vindo de uma sessão de montagem de um filme novo e comentou que “a melhor cena sempre é a primeira, aquele que o ator fez melhor”. Na hora, pensei: “ele gosta de ator, tem interesse no ator”. Muitos cineastas têm um interesse maior na imagem. Aprendi muito com ele e ele também recebeu de mim”, conta Aracy Balabanian.



Com supervisão geral de Fernando Bicudo, peça estréia novo espaço na cidade, o Barraco das Artes, a partir de 12 de março.

Por Simone Melamed

CHE GUEVARA

Durante a famosa e longa viagem que fez pela América do Sul com o amigo Alberto Granado – registrada no filme *Diários de motocicleta*, de Walter Salles – Che Guevara começou a cultivar o hábito de contar em diários, com um olhar crítico e profundo, tudo o que via à sua volta. As anotações se tornaram recorrentes durante toda a vida do ícone da Revolução Cubana, mas havia uma lacuna em relação aos acontecimentos dos seus últimos dias. Pois é exatamente esta brecha que a peça

Che Guevara, em cartaz a partir de 12 de março no Barraco das Artes, na Fundação Progresso, pretende preencher, fazendo uma reconstituição das últimas 18 horas da vida do revolucionário.

“Havia uma total falta de informações sobre essas últimas horas da vida do Che. Todas as biografias, desde que ele morreu até 1999, não falavam nada sobre o interrogatório, que o governo boliviano manteve em segredo. Só depois de 30 anos a CIA e o exército boliviano liberaram os relatórios,

revelando o que perguntaram e o que ele respondeu, durante o tempo em que esteve preso. Che foi assassinado em Higuera, na Bolívia, em 9 de outubro de 1967”, conta John Vaz, autor, diretor e ator da peça.

Ideal de vida

Mesmo depois de uma pesquisa na Universidade de Santa Clara de Cuba, apoiada pelo catedrático Roberto Muñoz, John Vaz, que também é formado em História, ainda não tinha se dado por satisfeito. Assim foi procurar a professora Julia Cortez, última civil a ver e conversar com Che, já que estava presente na sala de aula onde ele foi capturado. “Sou comuna há muitos anos e queria fazer uma reverência a este grande ser humano e revolucionário, por uma questão política mesmo. Nós não estamos mostrando o mito, mas o homem fragilizado, com um tiro na perna, um Che humano, do universo dos mortais”, explica o autor, que depois de emagrecer, deixar a barba

crescer e aprender a fumar charuto, ficou com a aparência muito parecida com a do guerrilheiro a quem presta tributo.

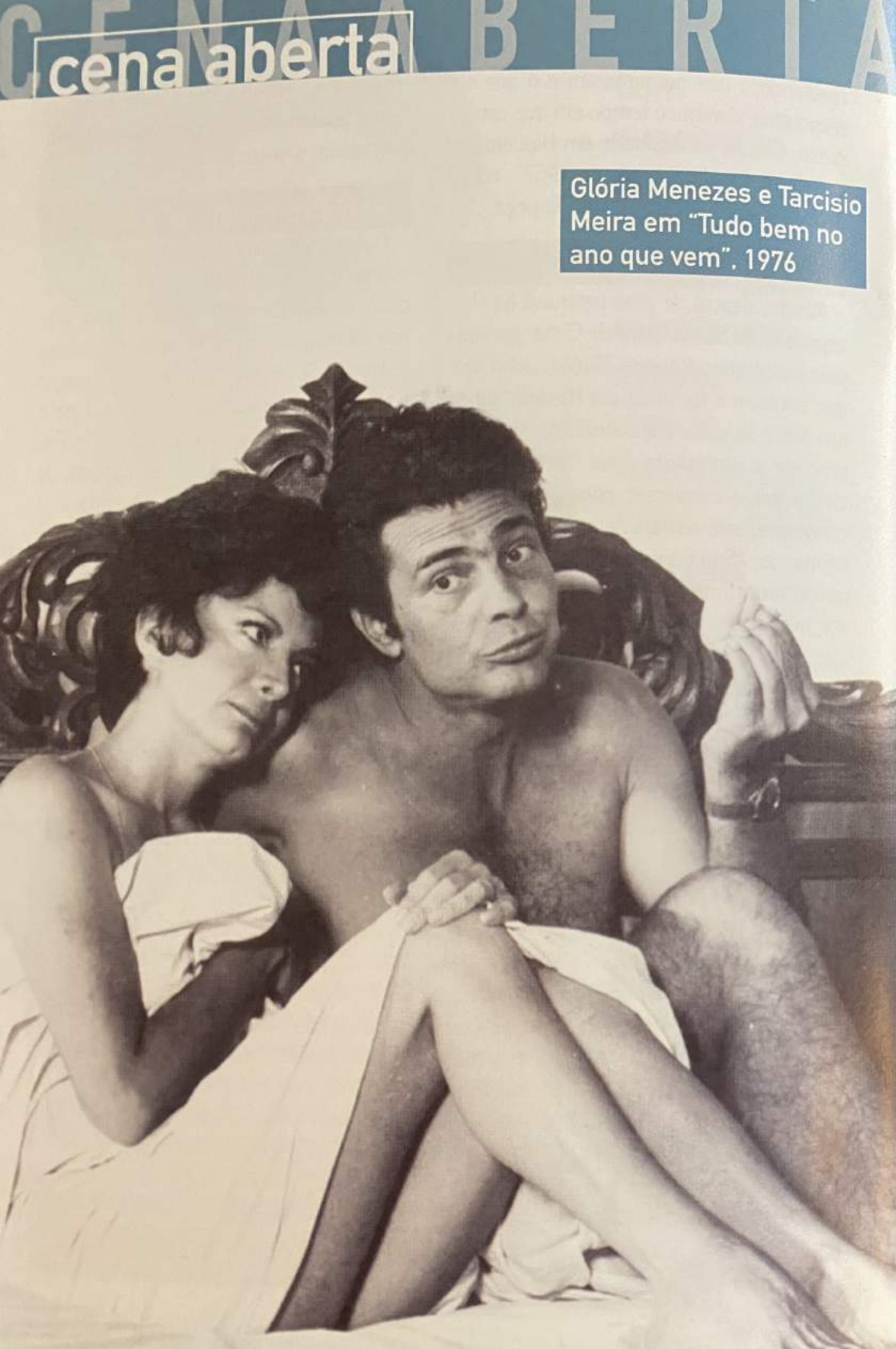
Registro histórico

Outro combatente cultural que acabou entrando na empreitada foi Fernando Bicudo, supervisor geral do espetáculo, que nos últimos 30 andou se dedicando mais à direção de óperas. “Em primeiro lugar, o Che é o meu personagem histórico. Para a minha geração e as gerações subseqüentes, ele é um ideal de vida, de ser humano, de justiça, ética e patriotismo. Quando vi a foto do John de Che, fiquei chocado com a semelhança, que é impressionante! Mais do que uma peça de teatro, nós estamos fazendo um registro histórico. O John fez um resgate único, juntou as pontas para divulgar a verdade sobre o assassinato do Che e as verdades pelas quais ele lutava”, conta Bicudo, que está completando 40 anos de carreira.



Pé na Estrada

A peça “Che Guevara” inaugura um novo espaço cênico no Rio, com administração de Fernando Bicudo: o Barraco das Artes, na Fundação Progresso, que pretende ser um espaço de resistência para produções alternativas. E justamente para quebrar com o tradicional, a produção da peça providenciou livros, charutos, bebidas e comidas típicas cubanas para ajudar o público a entrar no clima do espetáculo. Depois da temporada carioca, a montagem segue para Havana (convite de Aleida Guevara March, viúva de Che), Argentina, Venezuela e Nova York. As apresentações internacionais serão em espanhol.



Glória Menezes e Tarcísio Meira em "Tudo bem no ano que vem", 1976

Colecione! Assine!

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2239-1163
ou e-mail: aplauso@gb1.com.br

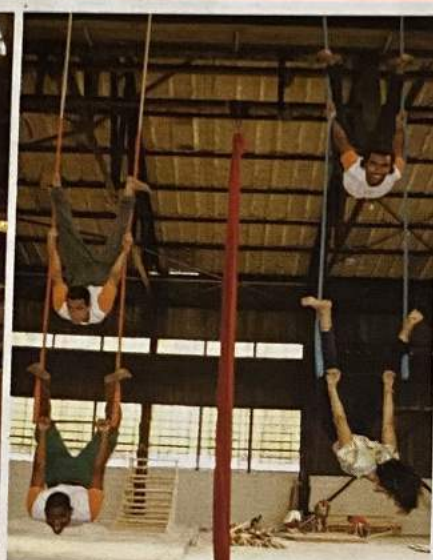
Assinatura
semestral
R\$ 24

Coleção completa
de Aplauso por R\$ 54!
Edições de 1 a 71

500 + 600 = 1.100

1.100

é o número de jovens
beneficiários



600

alunos no Talentos da Vez I

500

alunos no Talentos da Vez II

50

formaram a Cia Aplauso

1.850

oportunidades de emprego

atingindo **200** comunidades



RIO



PREFEITURA

ASSISTÊNCIA SOCIAL / HABITAÇÃO